

Alerta para prazos de validade

A redução dos indicadores de vacinação preocupa, tendo em conta o prazo de validade de vacinas em stock em poder das várias entidades. Equipa informática está a desenvolver um sistema de alerta, para evitar desperdício.

Destaque

Arazede concentra toda a logística das

Montemor-o-Velho Equipa trabalha 24 sobre 24 horas. Garante a recolha, transporte e armazenamento de todas as vacinas e preparadas para a distribuição pelos 592 pontos de vacinação existentes no país

Textos de Manuela Ventura

Setenta por cento da população portuguesa recebeu as duas doses da vacina contra a Covid-19. Um patamar atingido esta semana, que superou as expectativas iniciais, que apontavam para o início de Setembro. Significa muitos milhares de vacinas e um esforço grande dos centros de vacinação, além, claro está, de uma consciencialização da população para a necessidade de se proteger. Na retaguarda deste "front office" mais visível, dos centros de vacinação, está uma outra realidade. Uma logística complexa, uma equipa multifacetada, um centro de recepção e distribuição que funciona 24 sobre 24 horas. Arazede, no concelho de Montemor-o-Velho, é o epicentro deste "furação". Ali, no Parque Logístico, instalado no espaço do SUCH - Serviço de Utilização Comum dos Hospitais, está o Centro de Coordenação Operacional da Logística. Todas as vacinas já inoculadas passaram por ali. E também as que se encontram em stock nas diferentes entidades ou as que estão ou vão a caminho dos centros de vacinação. Mas igualmente as que chegam ao país, provenientes dos mais diversos locais, e todas aquelas que Portugal



FOTOS: FERREIRA SANTOS

"Sala de situação" do SUCH. O centro de planeamento da equipa, sempre em contacto directo com a "sala de situação" de Lisboa

vai doar, designadamente aos países africanos de língua oficial portuguesa ou a Timor, ou cuja venda ou troca está a negociar com outros países.

Os números impressionam. Até ao dia 17 deste mês, o SUCH recebeu 15.782.287 doses de vacinas, o que representa um total de 2.348.548 frascos. Quanto às entregas efectuadas, os nú-

meros indicam 14.137.309, ou seja, 2.153.590 frascos. Em stock, disponíveis no armazém, na mesma data, encontravam-se 144.344 frascos, o que equivale a 1.240.000 vacinas.

Um desafio que começou a ser trilhado nos finais do ano passado. «A primeira entrega foi feita no dia 26 de Dezembro», precisa João Branco, coorde-

De Arazede são enviadas vacinas para 592 pontos do país e também é feita a recolha de todas as que chegam a Portugal

nador do Plano de Vacinação do SUCH. Foram as primeiras vacinas que chegaram ao país. Um momento histórico, testemunhado pela ministra da Saúde, Marta Temido, em Arazede. Dali partiram para cinco destinos: Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC), hospitais de Santa Maria e de S. José, em Lisboa, e hospitais

de Santo António e de São João, no Porto. Foi o início de uma longa caminhada, com a vacinação prioritária dos profissionais de saúde, que hoje está praticamente em velocidade cruzeiro, com 70% da população vacinada em todo o território nacional.

Objectivos definidos pela "task force" que coordena o plano nacional de vacinação contra a Covid-19, que implicaram um esforço gigantesco de uma vasta equipa, em todo o país, mas muito particularmente na base da pirâmide, centrada em Arazede. Ao projecto foram alocados recursos humanos do SUCH, a começar por Carlos Branco, engenheiro mecânico, responsável pela área da energia no Serviço de Utilização Comum dos Hospitais. Coordenador deste pólo logístico, faz a ponte com a "task force" que tutela todo o plano de vacinação.

«Começámos do zero», recorda, lembrando que o trabalho preparatório começou em Novembro. Por um lado, foi necessário ajustar as instalações, um antigo centro logístico de produtos alimentares (Naturar), adquirido pelo SUCH, que já ali tinha instalados serviços de lavandaria e outros. A localização estratégica do espaço, bem no centro do país, junto à A14,

23-08-2021

Bons indicadores em termos de perdas

A equipa perdeu dois frascos, num acidente de viação, durante o transporte, mas a maioria das vacinas foi “salva” e usada pelo Hospital de Setúbal. Os indicadores de perdas do país são considerados bons: 2.326 frascos, o que representa 16.177 doses

Destaque

vacinas contra a Covid-19

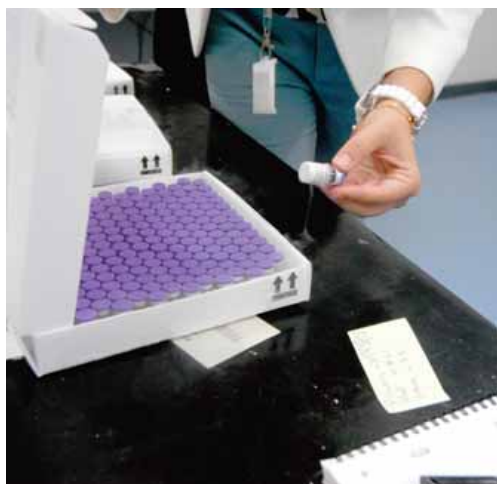
Apoio a compras vendas e doações

que chegam ao território nacional. É também no SUCH que são descongeladas

a escassos quilómetros da auto-estrada do Norte, ditou que a disponibilização do espaço fosse imediatamente aceite pela tutela como o local ideal para o pólo logístico da vacinação.

“Inventar” soluções

Foi necessário, todavia, proceder a adaptações, designadamente no que se refere à cadeia de frio, um dos factores fundamentais para garantir a segurança e eficácia das vacinas contra a Covid-19. Por outro lado, foi desenvolvido um esforço hercúleo para obter respostas. «Começámos do zero», diz Carlos Branco. «Foi uma situação única... para nós e para o país», acrescenta. Um desafio gigantesco, que obrigou, nomeadamente, a «criar ferramentas informáticas». Hoje, a equipa conta com a ajuda fundamental do “Plano Mestre”. Um programa que garante o controlo de todo o processo desde a recepção, ao armazenamento, expedição e entrega das vacinas. O percurso efectuado por cada frasco de vacina está ali, num quase, diários, cadastro pormenorizado do processo. «É fundamental, para garantir uma distribuição com segurança e qualidade», afirma o coordenador. Um trabalho de programação, que teve um contributo



Vacinas passam por um processo de descongelação

decisivo de profissionais de informática do SUCH e que veio facilitar todo o processo de gestão, que se pretende seja melhorado a cada passo.

SUCH recebeu 15.782.687 vacinas em Arazede e garantiu a distribuição de 14.137.309 até ao dia 17 deste mês

Mas, antes do “Plano Mestre”, todos os registos eram feitos de forma manual. Carlos Branco recorda, quase como uma má memória, os dois meses em

que, a partir de um documento excel, remetido pela “sala de situação”, em Lisboa”, tinha, manualmente, que proceder à introdução de todos os dados.

Só para se ter uma ideia, é preciso saber a entidade que encomenda, a quantidade e a variedade (quais as vacinas), o local de entrega, mas também o lote, a proveniência, data de entrega, data de descongelamento, validade. Dados que se multiplicam consoante o número de encomendas e que envolve, ainda, a necessidade de definir rotas de entrega. Falta, ainda, definir o transporte e,

atenção, não se pode esquecer o necessário ajustamento do volume da encomenda à capacidade de carga da viatura. E motorista, claro. «Durante dois meses fui a única pessoa no país que fazia isto. Não fazia mais nada», confessa.

O “Plano Mestre”, cujo desenvolvimento contou com o apoio de uma empresa de consultoria, é o «motor operacional», sublinha João Coelho, outro elemento da equipa. «Era impossível, sem o “Plano Mestre”, ter 300 encomendas para fazer, contactar motoristas, carinhãs... O Plano faz a gestão, inclusive o cruzamento das moradas e gere a rota, muito embora tenha de ser “afinada”, tendo em conta o número de caixas. É distribuição pura e dura», adianta.

Em sintonia com o “Plano Mestre” foi desenvolvida outra ferramenta informática, que permite, de imediato, obter as guias e as etiquetas que acompanham todas as encomendas. Encomendas provenientes de 592 pontos, de Norte a Sul do país. «Menos um», alerta João Coelho, uma vez que falhas na cadeia de frio obrigaram a desactivar o Queimódromo do Porto. Há ainda um 593.º ponto de entrega: o aeroporto. ◀



SUCH acolhe o centro logístico da vacinação nacional

VÁRIAS FRENTES Também é a equipa de Arazede que dá resposta à compra de vacinas, à venda ou a doações. «O Governo faz os contratos», explica o coordenador. À equipa compete negociar, depois, com os interlocutores do país “vendedor” e combinar a recolha e faz o transporte das vacinas. Um dos últimos lotes veio da Polónia e chegou a Arazede, no passado dia 17, após três dias de viagem. Para dia 25 está programado o envio de 32 mil frascos de AstraZeneca que Portugal vai doar a Angola. A encomenda inclui dispositivos médicos (agulhas e seringas).

A equipa do SUCH também foi solicitada para dar apoio à doação de 150 mil doses de vacinas da Eslovénia a Cabo Verde. «O pedido de ajuda veio do Infarmed, do Instituto Camões e do Ministério dos Negócios Estrangeiros. «Estamos a analisar o plano de viagem», diz Carlos Branco. Em causa está uma viagem Eslovénia-Paris, Paris-Lisboa e Lisboa-Cabo Verde. «Va-

mos enviar caixas que aguentam 72 horas», para garantir a segurança. Sobre a mesa está a possibilidade de ir buscar as vacinas a Lisboa e recolhê-las em Arazede, caso os “timing” de voo não se ajustem ao “tempo de segurança” das vacinas.

“Intra muros”, foi a equipa de que montou o sistema de vacinação nos Açores e na Madeira. Nos Açores, Carlos Branco e Joana Grangeia foram os dois civis que integraram a equipa de militares que montou o dispositivo. «Estivemos três dias. Fizemos o plano, demos formação, acatámos a distribuição pelas ilhas e as regras de acondicionamento». Depois, um elemento do SUCH acompanhou sempre a entrega de vacinas nos Açores e na Madeira, feita a bordo de um C-130 da Força Aérea.

Também foi o SUCH que garantiu a vacinação dos diplomatas portugueses, com as remessas mais pequenas que efectuou. Por curiosidade, da Jansen, por ser dose única. ◀

Espírito de missão move a equipa

UNIÃO «O SUCH tem uma história de serviço de missão. Já é o “pronto-socorro” para muitas situações dos hospitais, ao nível de manutenção, problemas de obras, nutrição, ambiente... Tem esse espírito de missão», afirma Carlos Branco, lembrando que se trata de uma entidade sem fins lucrativos, com mais de 50 anos de experiência. Esse «espírito de missão», afirma, “contaminou” «toda a equipa», num serviço onde «não há férias, não há fins-de-semana» e se «trabalha 24 sobre 24 horas».

«É uma equipa fantástica, há

uma grande união. Temos um bom ambiente, o que é meio caminho andado», corrobora João Coelho. «Há uma hierarquia, mas todos somos importantes», sublinha Joana Grangeia, que, com 26 anos, teve de obter uma autorização especial do Infarmed para assumir as funções de directora técnica do projecto, «um desafio fantástico». «Somos mesmo família», diz Lara Rodrigues, que integrou a equipa em Maio. «Não custa nada vir para aqui», assegura.

Igualmente positivo é o balanço do tenente-coronel Ma-



João Coelho, Joana Grangeia, Lara Rodrigues e Carlos Branco

teus, oficial de logística do comando da Brigada de Intervenção de Coimbra. Em Dezembro,

recorda, a pedido do vice-almirante, foi reforçada a presença de militares no SUCH. Coub-

-lhe o desafio, partilhado com o coronel Ferreira, de acompanhar a “sala de situação” de Arazede. «Acabamos por nos complementar», diz, apontando as «pessoas mais jovens e com experiências e formações diferentes», da equipa e faz um «balanço bastante positivo» do trabalho feito.

«É uma missão e vale todo o esforço», remata o coordenador. Por isso, com este espírito, a equipa, com cerca de 30 colaboradores, nunca diz não. Mesmo quando todo o planeamento feito (um dia de trabalho) é deitado por terra devido ao cancelamento de encomendas ou surgimento de

novas. Tudo regressa à estaca zero e é necessário fazer novo planeamento.

Já aconteceu à meia-noite e às 5h00 da madrugada, por exemplo. O “sino toca a rebate” e a equipa lança mãos à obra. Não interessa se é fora de horas. Interessa é cumprir. «Não podemos nunca dizer não. Se o fizermos, se não enviarmos os frascos, há quem fique sem vacinas!», afirma Carlos Branco. Para o coordenador é impensável que alguém não seja vacinado porque as vacinas não chegaram atempadamente. Por isso, apesar das “dores de cabeça” que as alterações implicam, a resposta é sempre sim. ◀

Descongelar e acondicionar os preciosos frascos



Mário Lavrador, Rodrigo Moraes e Lara Rodrigues dispõem as vacinas para descongelação



Joana Grangeia retira vacinas Pfizer da arca, a 80º negativos

FOTOS: FERREIRA SANTOS

A “sala de situação” de Arazede está em contacto directo e constante com a “sala de situação” nacional, em Lisboa. Com a estratégia definida pela equipa liderada pelo vice-almirante Gouveia e Melo, cabe a esta estrutura desenvolver os contactos com as Administrações Regionais de Saúde e outras entidades, no sentido de fazer o diagnóstico de necessidades. A informação é, depois, transmitida para Arazede e a equipa do SUCH dá resposta.

O primeiro passo é acautelar o descongelamento das vacinas. Joana Grangeia é a directora técnica e acompanha todo o processo, juntamente com Lara Rodrigues. Estão entre as mais jovens da equipa, mas também entre as mais solicitadas. Tudo tem de ter o seu “agrement”. «Tudo tem urgência, mas temos de garantir que as vacinas estão em condições de segurança e qualidade», explica. Isso acontece em todos os passos. Ou seja, quando chegam a Arazede, quando estão armazenadas, quando são manuseadas para as encomendas, quando são expedidas e transportadas. Todo este longo caminho tem de estar sob o olhar atento das farmacêuticas, acompanhados pelos dispositivos técnicos que, entretanto, foram concebidos e testados para dar resposta a este novo mundo.

Joana Grangeia exemplifica com as caixas de transporte de vacinas, uns pequenos “casulos”, que acondicionam os preciosos frascos, porque a vacina

da Pfizer «não pode ser agitada, não pode criar espuma».

Mas também foi necessário testar as caixas, perceber quais «eram os materiais mais ajustáveis», bem como o sistema de frio, de forma a manter a qualidade e segurança das vacinas, conjugando a prestação dos termoacumuladores (frio passivo) com o frio activo das viaturas de transporte. Sem esquecer que é necessário fazer ajustamentos, tendo em conta a estação do ano.

«Tudo tinha que ser testado», refere Joana Bigares Grangeia, apontando o trabalho feito com a equipa do armazém, ao nível da verificação do descongelamento e do acondicionamento, e com a equipa dos transportes, durante as rotas a desenvolver e eventuais “desvios”, no sentido de garantir o aproveitamento de eventuais cancelamentos de encomendas e assegurar, tendo em conta a durabilidade das vacinas, o seu melhor encaminhamento

e utilização em tempo útil.

As duas farmacêuticas, acompanhadas por Mário Lavrador, responsável pelo armazém, e por Rodrigo Moraes, seu braço direito, avançam, depois de indicações das encomendas, para o processo de descongelamento. Das arcas congeladoras (cinco), que funcionam a 80 graus negativos, retiram as caixas da Pfizer. «As arcas têm alarmística», afirma a directora técnica. Significa que qualquer alteração na temperatura apresenta um alerta que “dispara” para os serviços de manutenção. De noite ou de dia, seja às horas que for, a resposta é imediata, garante. Se for necessário, acciona-se o “plano B”, ou seja, a transferência para outras arcas.

Colocadas no carrinho de transporte, as vacinas são encaminhadas para a câmara de conservação. Aqui já se pode entrar. A temperatura estabiliza entre os 5 e os 8 graus positivos. Colocadas numa banca, as va-

cinas da Pfizer demoram três horas a descongelar. Já lá estão as caixas de AstraZeneca.

Arecolha continua, desta feita noutra câmara, onde a temperatura é de menos 15 a 25º, e se encontram as vacinas da Moderna (três horas para descongelar) e da Janssen (12 horas). Aqui é imprescindível vestuário protector. Casacos capazes de suportar estas temperaturas polares. Por isso, as contas são devidamente feitas antes e quem entra na câmara sabe exactamente quantas caixas tem de trazer, de forma a ficar ali o menor tempo possível. «É isto que o Cristiano Ronaldo faz todas as semanas», brinca Joana Grangeia, lembrando os tratamentos musculares do capitão da selecção nacional de futebol.

O descongelamento das vacinas é feito na câmara onde a temperatura oscila entre os 5 e os 8 graus positivos. O frio sente-se e é ali, nestas condições não muito simpáticas, mas necessárias para garantir

a preservação e segurança do medicamento, que se procede ao embalamento/acondicionamento das vacinas, visando a expedição. Antes, Joana ou Lara tem de aferir se está «tudo conforme», se cada frasco, individualmente, contém «uma solução líquida, com as características organolépticas próprias». Depois, sim, pode avançar o acondicionamento/embalamento.

Expedição e transporte

Uma tarefa que começa ao princípio da tarde. As caixas são previamente preparadas, tendo em conta as diferentes vacinas, pois cada uma tem as suas especificidades. A temperatura é, aqui, um factor fundamental, para garantir a durabilidade da vacina e a sua preservação, com qualidade e segurança. Gelo seco e termoacumuladores fazem parte do equipamento que garante a temperatura certa. «As caixas são certificadas», atesta Carlos Branco. Todavia, em cada

uma delas é colocado um “datalogger”, que faz o registo da temperatura. «É um extra de segurança, mais uma ferramenta para garantir a máxima segurança», adianta o coordenador, referindo-se a esta espécie de tacógrafo, que não regista a velocidade, mas a temperatura.

As caixas têm etiquetas com toda a informação sobre o conteúdo, uma operação verificada pelo Infarmed que também garante a validade do “datalogger”. Juntamente com as vacinas, o SUCH envia os cartões de vacinação correspondente e informação sobre o manuseamento e cuidados a ter. Um contributo da indústria.

Vacinas descongelam numa câmara de conservação, com temperaturas entre 5 e 8º. É neste espaço que são acondicionadas para a expedição

O passo seguinte é a expedição, feita durante a noite. Uma equipa de 10 a 12 pessoas assegura este trabalho, com as viaturas a terem uma rota definida para cumprir, logo a partir das 6h00 da manhã. Há duas dezenas de motoristas do SUCH alocados ao projecto. «Têm muita sensibilidade», afirma João Coelho. «Já tinham experiência com o transporte da vacina da gripe», diz ainda. Este responsável refere o acordo com duas distribuidoras que «asseguram as rotas maiores». As restantes são efectuadas pelos motoristas do SUCH. Cada motorista tem um PDA (personal digital assistant), uma ferramenta que, mais uma vez, reforça a segurança dos sistemas. O PDA é carregado, e cada caixa é “picada” com a respectiva etiqueta. Cada entrega é, igualmente “picada”. Mais, o sistema permite enviar um SMS ao ponto seguinte de entrega, com a informação do horário exacto a que vai acontecer.

Relativamente ao transporte, aponta o recurso ao “cross-docking”. Ou seja, quando há muitas rotas para o Norte ou para o Sul, ao invés de todas as viaturas se deslocarem a Arazede, «vem só uma, que leva todas as encomendas para o SUCH do Porto ou de Lisboa, onde é feita a redistribuição posterior», com a transferência para as carrinhas que completam as rotas de destino. «

Entrega e recepção de vacinas

A entrega de vacinas é feita por zonas. Às segundas e quintas-feiras destina-se às regiões de Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve. Às terças e sextas-feiras são reservadas para a região Centro e Norte. A quarta-feira é para as “urgências”, para dar resposta a pedidos extra, relacionados com eventuais problemas de

agendamento. Inicialmente a GNR acompanhava as entregas, uma situação que passou a ser residual. «O patrulhamento tem a ver com a ameaça de risco e começa tudo a entrar na normalidade», afirma Carlos Branco. Todavia, os militares da GNR estão sempre em Arazede e acompanham todo o des-

carregamento e a expedição de vacinas. Também acompanham o transporte de vacinas que vêm dos mais diversos países. Primeiro por GPS, depois, a partir do momento em que passam a fronteira e entram em território português, de forma presencial. As vacinas da Pfizer são entregues, por norma, à se-

gunda-feira. Chegam por via aérea (a única, em caixas que conseguem manter temperaturas negativas de 60 a 80º durante cinco dias) e a equipa vai buscá-las a Lisboa. Na sexta-feira chega a Jansen. A Moderna e a AstraZeneca «não têm dia certo». Nem hora! Muitas vezes chegam às 3h00 ou 4h00 da madrugada. «